Supervisão Clínica
Psicoterapia sociopsicodramática em tempos de Inteligência Artificial

Fernando Costa Cordovio[1]

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é oferecer espaço vivencial para tratar das interfaces entre a clínica sociopsicodramática contemporânea e o advento das novas tecnologias, especialmente em relação às experiências dos pacientes de psicoterapia junto às denominadas Inteligências Artificiais Generativas (IAs) no que tange à próprias emoções, supostos diagnósticos de psicopatologias, e mesmo investigações com o intento de interpretar os próprios sonhos. O fundamento científico sobre o qual se assenta essa proposta se refere aos impactos do uso das tecnologias na constituição do eu e, portanto, aos papeis que o constituem, temática que, atualmente, vem sendo objeto de estudo em vários campos do conhecimento. Nesse sentido, a imbricação das práticas supracitadas ao processo psicoterápico e as relações nele presentes tem seu escopo específico, principalmente aos serem observados os principais desafios que o clínico psicodramatista enfrenta ante os variados e sobrepostos contextos que lhe são apresentados, e as mudanças de cunho social, psicológico, político e econômico que lhes são inerentes. Para tanto, será utilizado o sociopsicodrama como metodologia de trabalho. Como resultados, espera-se colaborar com o desenvolvimento do papel social do clínico psicodramatista, problematizando a relação de sua prática e aplicação do conceitual socionômico, bem como articulá-lo aos constructos de pensadores de áreas afins à temática exposta.

Palavras-chave: Psicoterapia. Sociopsicodrama. Novas Tecnologias. Inteligência Artificial.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, são notórios os múltiplos atravessamentos apresentados pelos pacientes de psicoterapia que perpassam o uso e os efeitos da Internet. Ultimamente tenho me deparado com questionamentos de alguns deles em relação a si próprios ou outros a respeito de supostos psicodiagnósticos: “acho que Fulano é border”, “devo ser bipolar”. Para isso, na maioria das vezes, o Google é a fonte de pesquisa utilizada e, mais recentemente as

[1] Doutor e Mestre em Educação – Unicamp; Psicólogo e Licenciado em Psicologia – PUC-Campinas; Psicodramatista Supervisor Didata IPPGC/PUC-Goiás; Especialista em Psicologia Escolar (CFP-CRP/06); Editor de Seção da Revista Brasileira de Psicodrama. Coautor dos livros: A clínica humanista na contemporaneidade; Psicodrama: Ciência e Arte e, Cultura e Educação – Reflexões. E-mail - fernando.cordovio@yahoo.com.br .

Inteligências Artificiais Generativas. Tais ações podem tanto ser referenciadas como elementos ampliadores do conhecimento do próprio sujeito a respeito de suas mazelas, como erigir estigmas, preconceitos, afetar sentidos, práticas e escolhas.

Mais recentemente, tem-se tematizado no decorrer de algumas sessões os variados elementos interpretativos a respeito dos sujeitos e suas dificuldades e feridas emocionais, históricos relacionais e mesmo sonhos, que as Inteligências Artificiais lhes disponibilizam em acessos performados em tom de amigáveis e acolhedoras conversações. Elas compõem o processo de encadeamentos de suas investigações anteriores, cuidadosamente retidas no histórico de rastros digitais das referidas tecnologias e que são, na maioria das vezes, ingenuamente oferecidos pelos seres humanos.

É a partir dos cenários expostos que estipulo como temática para supervisão clínica a interface entre a Socionomia e o advento das novas tecnologias, especialmente as denominadas Inteligências Artificiais Generativas (IA), tais como o Chat GPT (OpenAI) e o Gemini (Google), designando como escopo central não apenas a compreensão sobre os intentos subjacentes às pesquisas nelas realizadas por pacientes em psicoterapia a respeito de sua vida afetiva-emocional mas, principalmente, os efeitos daí derivados nas subjetividades dos partícipes desse processo.

Como objetivo, pretende-se oferecer espaço vivencial para tratar das interações supracitadas, procurando-se melhor compreendê-las, aprofundá-las e, assim, incrementar a prática clínica de forma interdisciplinar a respeito desse advento. Considera-se para tal enfrentamento o arsenal teórico-prático socionômico e seu tripé sociátrico, sociométrico e sociodinâmico. Aliam-se a ele, conceitos que vêm sendo desenvolvidos por pensadores de outras áreas do conhecimento, os quais têm se debruçado sobre o tema das novas tecnologias da imagem e comunicação na constituição do eu e os vários elementos que aí se articulam.

O trabalho se justifica ante os vários desafios que o clínico psicodramatista contemporâneo enfrenta em seu cotidiano prático, já há algum tempo multifacetado pela virtualidade e repleto de ambientes e relações etéreas constituídas pelas novas tecnologias da

comunicação e da imagem. Nesse sentido, urge, como psicodramatistas, aprofundar o conhecimento a respeito de seus impactos na constituição do eu e, portanto, dos papeis que o constituem e das relações estabelecidas a partir do desempenho desses últimos. Nesse sentido, compreender os contornos do tecnocapitalismo que nos cercam, bem como seus efeitos, são de suma importância.

Como pressuposto metodológico do trabalho será considerado o sociopsicodrama, dado que "envolve metodologias, ora mais sócio ora mais psicológicas – mas sempre sociopsicológicas, pois relacionais" (MOTTA, 2011, p. 88). Desta feita, serão efetivadas as etapas clássicas de seu desenvolvimento, aquecimento - inespecífico e específico, dramatização e compartilhamento, com o intento de realizar a pesquisa coletiva do grupo participante do evento, suas demandas específicas, interesses e possíveis conflitos a serem superados em torno da temática estipulada. As técnicas a serem utilizadas contemplam desde as básicas - solilóquio, duplo e inversão de papeis até, possivelmente, a aplicação da multiplicação dramática, bem como outras oriundas do Teatro de criação. Por fim, será realizado processamento teórico-técnico, e sua articulação com alguns concentuais advindos de áreas do conhecimento dedicadas ao tema.

Espera-se, como resultados, que a partir da experiência proposta o grupo de profissionais/alunos envolvidos possa ampliar seu repertório teórico-técnico a respeito da temática pautada, assim solidificando sua prática, seu olhar e posicionamentos necessários para tal enfrentamento.

2 DESENVOLVIMENTO

O trabalho terá como base algumas obras centrais de pensadores que se debruçam sobre a temática, dentre as quais: A cultura do narcisismo (LASCH, 1983); A era da IA (KISSINGER, SCHIMIDT, & HUTTENCLOCHER, 2023); Sociedade Excitada: filosofia da sensação (CHRISTOPH TÜRCKE, 2010); Incerteza, um ensaio: como pensamos a ideia que nos

desorienta (e orienta o mundo digital) (2023); Psicologia e pós-verdade: a emergência da subjetividade digital (GUARESCHI, 2018).

No campo socionômico quatro obras nos servirão de pilares: Quem sobreviverá?: fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama: edição do estudante (MORENO, 2008); o instigante artigo de Tatiana Vascocelos, Sociodrama do Povo Brasileiro: Reflexões sobre Socionomia e subjetividade digital (VASCONCELOS, 2025); Cinema, subjetividade e psicodrama (MASSARO, 2020) e, por fim, E se o psicodrama tivesse nascido no cinema? (MERENGUÉ, 2020).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estaríamos vivendo um 1984, tal como proposto por George Orwel?, só que agora disfarçado, silecioso e repleto de conivências de nossa parte? Pode parecer um questionamento precipitado, exagerado, ou mesmo desarrazoado, mas é o que indica o atual estágio de desenvolvimento dos conglomerados monopolistas globais de tecnologias, as *big techs*.

Que potência temos nós em relação à elas? O cenário que se vislumbra está longe de ser animador, e as repostas que imagino à essa pergunta inevitavelmente passam pela constituição de coletividades e pela defesa da democracia, duas preocupações morenianas desde seu início. A proposta aqui, é dar continuidade à elas. Afinal, nada menos do nossa liberdade está em jogo.

REFERÊNCIAS

BUCCI, E. **Incerteza, um ensaio: como pensamos a ideia que nos desorienta (e orienta o mundo digital)**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

GUARESCHI, P. (2018). Psicologia e pós-verdade: a emergência da subjetividade digital. **Psi Unisc**, Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 2, p. 19–34 jul./dez. 2018. Disponível em: https://doi.org/10.17058/psiunisc.v2i2.12242. Acesso em 15 mar. 2026.

KISSINGER, H.A SCHMIDT, E. & HUTTENLOCHER, D. **A era da IA e nosso futuro como humanos**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2023.

LACH. C. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MASSARO, G. Cinema, subjetividade e psicodrama. **Revista Brasileira de Psicodrama**. São Paulo, v. 20(2), 31–37. Disponível em https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/258. Acesso em 15 mar. 2026.

Merengué, D. E se o psicodrama tivesse nascido no cinema? **Revista Brasileira de Psicodrama**. São Paulo, v. 22(1), 116–117. Disponível em https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/379. Acesso em 15 mar. 2026.

MORENO, J.L. **Quem sobreviverá?: fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama: edição do estudante.** São Paulo: Daimon – Centro de Estudos de Relacionamento, 2008.

MOTTA, J.M.C. Estado da arte na ação dramática. In MOTTA, J.M.C. & ALVES, F.L. (Orgs.) **Psicodrama: ciência e arte**. São Paulo: Ágora, 2011. p. 82-91.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade Excitada: filosofia da sensação**. Campinas, SP: Unicamp, 2010.

VASCONCELOS. T.T. Sociodrama do Povo Brasileiro: Reflexões sobre Socionomia e subjetividade digital. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 33, e 0125, p.1-10, 2025. Disponível em: https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/642. Acesso em: 15 mar. 2026.